

Livros que seu aluno pode ler: Sociologia/História

Temas para leitura em Ciências Sociais

CALEB FARIA ALVES¹

Muito boa noite. Obrigado pela presença de todos e obrigado ao PET Letras pelo convite para falar a vocês sobre livros de grandes autores das Ciências Sociais que poderiam ser diretamente utilizados no Ensino Médio. Para a Sociologia, em especial, essa questão é de grande relevância, uma vez que foi aprovada recentemente a obrigatoriedade do ensino dessa disciplina nas escolas. Isso quer dizer que ainda

¹ Caleb Faria Alves é Doutor em Sociologia pela Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, SP, Brasil, e Especialista em Sociologia da Arte, tema sobre o qual vem desenvolvendo pesquisas nos últimos anos. Atualmente é professor do Departamento de Antropologia Social da Universidade do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS, Brasil, onde tem ministrado disciplinas sobre Antropologia da Arte, Indústria Cultural e novas formas de atuação social através de intervenções públicas como o arte-ativismo.

não temos tantas experiências didáticas às quais possamos nos reportar quanto em outras áreas. A produção de livros didáticos de Sociologia é ínfima se comparada com a longa trajetória da História, por exemplo.

Em função dessa situação, gostaria de iniciar nossa conversa por um ponto mais geral, por parâmetros orientadores dessas possíveis escolhas. Ou seja, falarei de algumas das características da produção em Ciências Sociais no Brasil que têm relação com esse tema e em seguida irei a sugestões específicas. Começo dessa forma porque, para além de indicar alguns títulos, espero contribuir para uma maior autonomia do professor em suas opções. Isso não quer dizer que tratarei apenas da produção nacional; ao contrário, eu a tomarei como referência para situar também a produção estrangeira, principalmente a lida e traduzida no Brasil.

Já devem suspeitar, por esse início, que não me prenderei a livros clássicos da graduação em Ciências Sociais. Eu soube de vários cursos de Sociologia para o Ensino Médio concebidos como um pequeno resumo do que é a graduação em Ciências Sociais. Começa-se por Augusto Comte, depois Karl Marx, Max Weber, Émile Durkheim e assim por diante, conforme os autores surgem na linha do tempo, todos apresentados muito resumidamente. Acho que estamos aqui para pensar algo diferente e, francamente, não entendo muito bem porque uma disciplina de Ensino Médio deva ser necessariamente ministrada dessa forma. Esses nomes são, sem dúvida, muito importantes e ricos, mas há alternativas que podem estar mais de acordo com os interesses, inclinações e capacidades didáticas dos professores.

Em minhas considerações, também não distinguirei entre os textos que divulgam conhecimentos teóricos enquanto tais e aqueles que usam esses conhecimentos para analisar alguma questão política ou social. Ambos podem ser de interesse dos alunos e devem ser disponibilizados à leitura, do contrário estaremos baseando-nos em pré-julgamentos que podem operar censuras. Livros, nos seus mais variados conteúdos, devem estar acessíveis ao público leitor. Quando realizamos uma seleção, o ideal é que ela seja sempre aberta e que incite a multiplicação da leitura em muitas direções diferentes, até mesmo contraditórias.

A primeira característica a ressaltar quanto à produção acadêmica do Brasil é o fato de que, em contraste com a Europa (provavelmente isso é

verdade também para os Estados Unidos), o profissional de Ciências Humanas não está tão acostumado a escrever e falar para o grande público. Em outros países é hábito, há pelo menos algumas décadas, que os grandes cientistas sociais, profissionais de humanidades e filósofos tenham espaço destacado na mídia, que se manifestem em rádios, televisões e jornais e que estejam presentes na grande imprensa; no Brasil, isso acontece muito pouco. Ou seja, em alguns países os profissionais de Ciências Humanas e o público estão mais habituados do que nós a tipos diferentes de produção intelectual, uma preferencialmente dirigida à academia, com um léxico geralmente mais denso, sólido e específico, e outra acessível ao grande público. Apenas para citar um exemplo, Merleau-Ponty proferiu uma sequência de palestras sobre filosofia na rádio francesa logo após a Segunda Guerra Mundial, em 1948, com o país ainda em ruínas, nas quais discorreu sobre temas como “o mundo percebido e o mundo da ciência”, ou seja, bastante abstratos (essas conferências foram publicadas no Brasil pela Martins Fontes com o título de *Conversas* – 1948). Entre nós temos excelentes iniciativas recentes – o Café Filosófico na TV Cultura é um ótimo exemplo –, mas iniciativas como essa ainda são novidade.

Gostaria de ilustrar essas diferentes formas de atuação e suas correspondentes linguagens com um exemplo um pouco mais aprofundado sobre Pierre Bourdieu, um dos mais influentes cientistas sociais da segunda metade do século XX e um dos autores estrangeiros mais lidos nas Ciências Sociais brasileiras. Ao expor um dos conceitos centrais para o seu pensamento, o de *habitus*, em *As regras da Arte*, ele escreve o seguinte: “ao retomar a noção aristotélica de *hexis*, convertida pela convenção escolástica em *habitus*, eu queria reagir contra o estruturalismo e sua estranha filosofia da ação que, implícita na noção lévi-straussiana de inconsciente e abertamente declarada nos althusserianos, fazia desaparecer o agente, reduzindo-o ao papel de suporte ou portador de estrutura...”. O texto continua nesse ritmo denso, e o leitor tem que parar um pouco para refletir a cada linha, a cada colocação. Completamente diferente é sua definição de grande alcance publicada em *Contrafogos*. Embora trate do mesmo conceito, ele discorre da seguinte maneira: “o *habitus*, que é o produto de condicionamentos sociais associados a uma condição correspondente”. Em comparação com a definição anterior, o autor é muito direto e corrente, ou seja, ele domina dois estilos de comunicação e os mobiliza confor-

me exige a necessidade. Como consequência, um de seus livros, *Sobre a televisão*, foi um enorme sucesso de vendas e gerou intensas discussões públicas sobre mídia e democracia. Cheguei a encontrar referências a essa obra em que a chamavam de “novo Manifesto Comunista”.

A atuação de Noam Chomsky nos Estados Unidos é um dos exemplos mais gritantes da forte presença de um intelectual em assuntos políticos e públicos. Ele é tido como um dos maiores nomes da linguística, mas também escreveu sobre a concessão do Prêmio Nobel da Paz ao presidente Obama e temas semelhantes. Sua última publicação se chama *Occupied media pamphlet series*. O site do próprio Chomsky apresenta essa obra através da seguinte citação: “Fácil de ler, acessível, carregado de fotos e conselhos práticos para ativistas” (tradução minha).

É claro que o intelectual brasileiro também escreve em jornais, concede entrevistas, etc. Pelo que eu conheço sobre a nossa produção e sobre a história de vida dos meus colegas, sou testemunha, inclusive, de posicionamentos muito corajosos na luta por mais democracia e igualdade social. Não saberia apontar, entretanto, alguém que se apresente da forma como Chomsky o faz; não é a nossa tradição. Não quero sugerir com esses exemplos que devemos espelhar-nos em intelectuais norte-americanos ou europeus. A história de como intelectuais e movimentos políticos articulam-se entre nós é a chave para aprofundarmos essas diferenças e suas consequências, mas não cabe avançar nesse sentido nesta palestra e, de qualquer jeito, minhas observações sobre isso seriam bastante limitadas.

Ainda antes de passar às sugestões, há mais uma característica da nossa produção que gostaria de citar: a presença do ensaio nas Ciências Sociais brasileiras é bastante limitada, embora com tendências a crescer. Por ensaio refiro-me a um texto com um caráter um pouco mais prosaico, um pouco mais literato, metodologicamente não tão amarrado e rígido, no qual se tecem considerações para além do que dados objetivos permitem.

Provavelmente essa situação decorre do surgimento bastante tardio da universidade brasileira, apenas nos anos 1940, com a Universidade de São Paulo (USP). Na América Espanhola o quadro foi bastante distinto: nos primeiros 50 anos de colonização, já foram fundadas universidades. Quando a USP abre suas portas, ela o faz em um ambiente dominado pelos ensaístas, por intelectuais como Mário de Andrade, Gilberto Freire e Sérgio

Buarque de Holanda, entre outros. A consolidação da carreira dependia, portanto, da conquista de um espaço de atuação profissional marcado pelo tipo de produção que consagrou esses autores, o ensaio, que, dadas suas características, é, no geral, mais fácil de ler e mais acessível ao grande público.

Uma das figuras mais importantes dessa época foi Florestan Fernandes. Para quem não o conhece, ele foi o maior cientista social brasileiro, e sua obra foi traduzida para mais de cinquenta idiomas. Para atender à necessidade de profissionalização do cientista social, cujo curso havia sido recentemente criado, Florestan Fernandes investe em uma excelência pautada, em grande medida, no rigor metodológico, ou seja, em uma definição clara de pressupostos teóricos, processos de investigação rígidos e uma estrutura argumentativa coerente e bem fundamentada. O ensaio, ao contrário, comporta impressões, suposições e *insights*. A disputa por uma competência reconhecida e por alguma especificidade e exclusividade profissional acaba manifestando-se na forma discursiva. Conforme acontece a ascensão do cientista social, ele reivindica competência nos assuntos antes apresentados na forma ensaística e acaba rejeitando também essa forma (pelo menos dentro das Ciências Sociais).

Alguns professores meus contam que quando alguém vinha fazer uma palestra em São Paulo, Florestan examinava a obra do convidado e o interpelava de modo incisivo, intenso e bastante crítico. Ele fez isso com muitos colegas, o que tornava a convivência com ele, conforme as posições assumidas no campo intelectual, muito difícil. Heloísa Pontes relata em *Destinos mistos*, editado pela Companhia das Letras, alguns dos desencontros dele com Antonio Candido que, não suportando a situação, acaba por se demitir. Mais tarde, apesar desse episódio, o próprio Antonio Candido revelou que o investimento na consolidação profissional era fundamental, e que a pessoa talhada para a tarefa era mesmo o professor Florestan, um intelectual combativo, muito sólido, que ascendeu a figura de proa na academia.

Esse quadro legou-nos heranças marcantes, com uma produção de alta qualidade, reconhecida mundialmente, crítica e socialmente engajada, mas também muito árdua e, em sua maioria, de difícil acesso direto. Se compararmos essa situação com um quadro geral dos grandes autores

estrangeiros que lemos vamos constatar, algo curioso, que boa parte deles é ensaísta. Ou seja, nós importamos ensaístas, mas historicamente não produzimos tantos ensaios.

Recentemente, algo como de 15 anos para cá, esse caráter da produção brasileira nas Ciências Sociais mudou em alguns aspectos e lugares e incorporou uma nova forma de engajamento e de compromisso social, que ficou conhecida em nossas conversas como “dar retorno”. Não pretendo discorrer muito sobre essa mudança porque ela implica alterações no caráter da produção e está ligada, tenho a impressão, a um deslocamento no eixo de referência estrangeira de alguns setores da nossa universidade, da Europa para os Estados Unidos. Trata-se de uma Ciência Social engajada em um sentido específico, o de ter utilidade prática e imediata para o grupo específico estudado. Além de termos poucos grandes autores que poderiam ser enquadrados nessa linha, o resultado tem um público alvo mais limitado.

Esse quadro resulta em uma dificuldade de posicionamento do intelectual como figura pública. Temos um caso muito popular na nossa história recente que remete a isso, o do ex-Presidente Fernando Henrique Cardoso, que supostamente declarou “esqueçam o que eu escrevi”. Ele entrou em um emaranhado difícil de lidar, o do desconforto do intelectual estadista, do intelectual atuante na mídia em relação à sua obra escrita. Não analisarei a frase do ponto de vista da verdade, uma vez que ele negou que a tenha proferido, ou do seu sentido, pois precisaríamos somar aí o contexto, menos ainda da acusação implícita, a de que o poder teria corrompido sua simpatia pelos mais pobres; não é o caso. De qualquer maneira, a situação foi tão incômoda, tão debatida e lembrada, que efetivamente tornou-se um problema para sua imagem pública. Resultou, inclusive, em um livro, escrito pelo próprio, com o título de *Relembrando o que escrevi*. Penso que a parte da dificuldade que interessa-nos aqui está ligada à nossa falta de jeito em lidar com artistas e intelectuais que são, enquanto profissionais, também atuantes em debates que envolvem aspectos políticos gerais da nossa vida social.

Para reforçar o contraste com outros países, citarei mais um exemplo, desta vez não pontual. Em Paris, no Pantheon, um monumento aos grandes homens da pátria, encontraremos, na cripta, nomes de líderes polí-

ticos, como Voltaire, de militares e de vários artistas, como os escritores Victor Hugo e Alexandre Dumas e o pintor Jacques-Louis David. Para nós, brasileiros, creio que seria difícil conceber esse tipo de condomínio imaginário do descanso eterno.

O quadro que estou descrevendo não é novo. Roberto Schwarz escreveu um livro clássico sobre o desconforto do intelectual no Brasil em relação à sua própria condição profissional, “As ideias fora do lugar”. Cabe ressaltar, entretanto, que estamos em pleno curso de mudanças bastante grandes, basta visitar uma banca de revistas para perceber. Creio que primeiro a História e depois outras áreas enveredaram pelo mesmo caminho e começaram, inclusive, a publicar revistas para o grande público. A editora Escala publica a *Revista Sociologia Ciência & Vida*.

Voltando ao convite feito por vocês, depois de fazer essa reflexão, perguntei-me: o que eu poderia sugerir? Acho que para trabalhar textos de grandes cientistas sociais no Ensino Médio precisamos pensar em uma seleção que possibilite seu uso a partir de diversas entradas: temática, histórica, conceitual, narrativa, etc. É bom também que os textos tenham alguma coerência pedagógica uns com os outros. Isso poderia ser resolvido com um recorte temático, o que permitiria trabalhar autores a partir de questões gerais, como cidadania, direitos ou identidade, e não apenas os textos isoladamente. Essa proposta é importante para garantirmos uma leitura crítica, uma vez que não estamos lidando com balanços, apanhados ou apresentações gerais, mas estamos falando de contato direto com obras. Claro que compêndios também requerem crítica, mas, bem ou mal, eles contemplam a apresentação de mais de um ponto de vista.

Assim, cogitei inicialmente em apresentar uma seleção que fosse ligada à ideia de diferença ou de respeito a grupos minoritários, ou elementos próximos a esses. Examinei vários textos, alguns deles clássicos (que poderiam servir de ponto de partida). Confesso que uma leitura orientada por essa preocupação acabou trazendo surpresas. Por exemplo, achei, inicialmente, que o *Manifesto comunista* seria recomendação pertinente. É um texto que conheço bem, no entanto, nunca o tinha lido pensando em seu uso no Ensino Médio. Mostro o começo para vocês e explico o porquê: “Um espectro ronda a Europa – o espectro do comunismo. Todas as potências da velha Europa unem-se numa Santa Aliança para conjurá-lo:

o papa e o czar, Metternich e Guizot, os radicais da França e os policiais da Alemanha". Como trabalhar isso no Ensino Médio? Não é fácil. Por quê? Por que requereria explicar referências demais: caracterizar os policiais da Alemanha, situar os contratualistas, discorrer sobre o Czar e seu papel em uma santa aliança de restauração da monarquia na Europa, etc. Em três linhas de leitura é preciso mencionar tanta coisa que fiquei pensando: isto está muito inserido no contexto europeu da época. Por que Marx e Engels escreveram assim? Porque quando o fizeram dispensavam-se tais explicações. Para nós o conteúdo não é tão evidente, não é tão fácil. É claro que são livros que podem e devem ser trabalhados, mas eu queria sugerir algo diferente, mais atualizado e ao que professores e alunos pudessem dirigir uma crítica mais livre e direta a partir da sua própria experiência de vida.

Acabei desistindo desses textos, de um recorte sobre reivindicações, cidadania, diferenças e assuntos semelhantes. Fiquei pensando que talvez o que eu queria estivesse mais presente na literatura, em livros famosos por tratarem de condições humanas significativas e emblemáticas em choque com exigências sociais de comportamento, como casamento, formação escolar, trabalho, etc. Essa minha inclinação estava ligada à investigação, em Ciências Sociais, de valores, modos de ver o mundo, rituais, enfim, àquilo que tradicionalmente chamamos cultura e suas múltiplas manifestações. Percebi, entretanto, que há algo bastante próximo disso nas Ciências Sociais e que seria possível, inclusive, um bom equilíbrio entre autores estrangeiros de diversas origens e autores nacionais. Voltei-me para essa produção e percebi que era um recorte viável. Encontrei diversos livros que tratam de temas com os quais nos defrontamos em qualquer idade e classe social, tais como: a felicidade, a festa, o casamento, o sexo, a dignidade e a amizade. Para mim, uma boa leitura depende diretamente de uma boa pergunta, de uma curiosidade, do interesse em um debate. O que eu procurei com essas indicações foram textos que permitam que projetemos neles uma grande quantidade de boas perguntas e nos quais, conforme inclinações intelectuais muito diversas, possamos encontrar discussões que nos inspirem e auxiliem. São temas importantes que tocam a todos nós de alguma maneira, sempre pertinentes, aos quais devemos voltar-nos constantemente, seja para não perder de vista a dimensão de nossas preocupações momentâneas, seja para continuar quando é difícil encontrar o que nos motiva. É essa a seleção que passo a apresentar:

Sobre a felicidade, eu começaria com Zigmund Bauman. Ele é um autor bastante conhecido, e um de seus últimos livros é *A arte da vida*. A pergunta que está no título é esta: “O que há de errado com a felicidade?”, e ele acrescenta que a pergunta estranha, quase como perguntar onde está o mau cheiro da flor, não faz sentido.

E, no entanto, essa pergunta é feita por Michel Rustin, assim como foi anteriormente e será no futuro, por pessoas preocupadas. E Rustin explica o motivo: ‘sociedades como a nossa, movidas por milhões de homens e mulheres, em busca da felicidade, estão se tornando mais ricas, mas não está claro se estão se tornando mais felizes.’ (p.7)

E ele discorre sobre esse tema, sobre essa preocupação corriqueira de nossas vidas, de uma forma muito direta, simples: se somos felizes, o que nos traz felicidade, em que condições somos felizes e como a felicidade nos é vendida. Ele cita um trecho muito bonito do discurso do Robert Kennedy, duas páginas depois:

nosso PNB considera em seus cálculos a poluição do ar, a publicidade do fumo e as ambulâncias que rodam para coletar os feridos nos acidentes em nossas rodovias, ele registra o custo dos sistemas de segurança que instalamos para proteger nossos lares e as prisões em que trancafiamos os que conseguem burlá-los. Ele leva em conta a destruição de nossas florestas e sequoias e sua substituição por uma civilização descontrolada e caótica, ele inclui a produção de napalm, armas nucleares e dos veículos usados pela polícia para reprimir a desordem urbana. Ele registra programas de televisão que glorificam a violência para vender brinquedos às crianças. Por outro lado, o PNB não observa a saúde de nossos filhos, a qualidade da educação e a alegria de nossos jogos, não mede a beleza de nossas poesias e solidez de nossos matrimônios. Não se preocupa em olhar a qualidade de nossos debates públicos e a integralidade de nossos representantes. Não considera nossa coragem, sabedoria e cultura. Nada diz sobre a nossa compaixão e dedicação pelo nosso país, em resumo: o PNB mede tudo, menos o que faz a vida valer à pena. (p.11)

O segundo autor que eu gostaria de citar é um destaque muito recente no nosso meio intelectual. Eu vou passar da felicidade, como não podia deixar de ser, à festa. Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcante escreveu

um livro de que eu gosto muito, que já li várias vezes por conta das aulas que eu ministro. O que mais me agrada nele são as descrições intensas, interessantes e ricas. Esse livro, obviamente, não é um manual de como organizar o seu bloco de carnaval, mas quem quiser fazê-lo, não faria mal em ler. Chama-se *Carnaval carioca, dos bastidores ao desfile*, editado pela EduFRJ. Ela inicia assim:

Anualmente, durante o reinado de momo, o desfile das escolas de samba invade ruidosamente o Rio de Janeiro. Quando as festas do ciclo natalino se encerram e o calor do verão do hemisfério sul atinge 40º, os preparativos do desfile ganham grande atenção por parte da imprensa e da televisão. Sua influência na vida das pessoas e da cidade ressoa pelo país e mundo afora. Passada a febre carnavalesca, o desfile submerge lentamente depois da quarta-feira de cinzas, recolhe-se, silencioso e ativo na faina do preparo do carnaval seguinte, quando toda a balburdia voltará. A confecção de um desfile começa mal terminando o carnaval do ano anterior, com a definição de um novo enredo a ser levado pela escola à avenida. (p.23)

E ela segue nesse tom bastante prosaico, direto, simples, e mostra desde a competição festiva, passando pelas escolhas de samba de enredo para o desfile e pela passarela até o papel do jogo do bicho, completando todo o ciclo de preparação do carnaval. Meus alunos têm apreciado bastante, não só pelo tema, motivado pela curiosidade imensa sobre o que acontece nas escolas do Rio de Janeiro, mas também por permitir um debate sobre algo que é tão caro à identidade nacional.

Da festa eu vou conduzir-nos ao casamento. *A invenção das tradições*, de Eric Hosbawm, tem uma perspectiva muito interessante porque mostra que certas tradições que imaginamos perdidas em um passado longínquo são muito recentes, muito novas, produtos do romantismo que ainda nos move. Eu gosto muito de ler com os alunos um capítulo sobre os escoceses e redescobrir com eles, toda vez, como as suas tradições culturais, como o saioite e a gaita de fole, são novas... Mas o capítulo que eu vou ler agora é o seguinte, sobre os rituais da monarquia britânica. A primeira página traz uma descrição e uma série de críticas às cerimônias na Inglaterra:

Na Inglaterra ocorre justamente o contrário, podemos nos dar ao luxo de sermos mais suntuosos do que a maioria dos países, porém até sobre os nossos mais solenes cerimoniais paira algum sortilégio maligno, incluindo algumas características que os tornam todos ridículos. Sempre enguiça alguma coisa, sempre há alguém que deixa de cumprir o seu papel, ou se permite que algum motivo se interfira e estrague tudo.²

Enfim, o que nos mostra esse conjunto de descrições com que se inicia esse capítulo? Que, na verdade, a versão corrente sobre a cerimônia, sobre a pompa inglesa, é bastante equivocada. Muitas coisas dão errado, pessoas não comparecem, sempre há um problema, enfim, não é um espetáculo de perfeição; ao contrário, é uma bagunça. O autor mostra, ao longo do capítulo, como foi construída a imagem dos casamentos e das cerimônias na realeza britânica; é muito divertido.

Outro tema: **dignidade**. Aqui, serei tendencioso e indicarei algo que foge um pouco ao tipo de texto que selecionei para essa palestra: indicarei uma carta. Um dos textos mais comoventes que eu já li, lindíssimo, muito tratado nas Ciências Humanas e um importante documento histórico, é a carta que Olga Prestes escreveu no dia anterior à sua execução numa câmara de gás na Alemanha nazista, dirigida à sua família. É difícil conter a emoção se imaginarmos a situação na qual ela se encontrava e a energia enorme que reuniu para essa redação. Eu fico comovido todas as vezes que leio. Olga foi deportada pelo governo brasileiro para a Alemanha durante o regime nazista. Eis como ela termina:

Querida Anita, meu querido marido, meu garoto: choro debaixo das mantas para que ninguém me ouça pois parece que hoje as forças não conseguem alcançar-me para suportar algo tão terrível. É precisamente por isso que me esforço para despedir-me de vocês agora, para não ter que fazê-lo nas últimas e difíceis horas. Depois desta noite, quero viver para este futuro tão breve que me resta. De ti aprendi, querido, o quanto significa a força de vontade, especialmente se emana de fontes como as nossas. Lutei pelo justo, pelo bom e pelo melhor do mundo. Prometo-te agora, ao despedir-me, que até o último instante não terão porque se envergonhar de mim.

² The Saturday Review, 9 fev 1891, p.140-1, apud CANNADINE, David. *Contexto, execução e significado do ritual: a monarquia britânica e a invenção da tradição*. 1820 a 1977, p.111.

Quero que me entendam bem: preparar-me para a morte não significa que me renda, mas sim saber fazer-lhe frente quando ela chegue. Mas, no entanto, podem ainda acontecer tantas coisas... Até o último momento manter-me-ei firme e com vontade de viver. Agora vou dormir para ser mais forte amanhã. Beijos pela última vez. (<http://www.jaymemonjardim.com.br/olga/ultimacarta/conteudo.htm>; 20/08/2012)

Não consigo pensar em outro gesto que reúna ao mesmo tempo tanta ternura, dedicação, convicção, coragem e emoção, de uma dignidade tão grande.

Outro tema importante, desses básicos da vida, é o sexo, que não poderia faltar. Sobre sexo, eu gosto muito de um texto de Roberto da Matta, *O que faz o brasil, Brasil?*, publicado no Rio de Janeiro pela Rocco. Lerei um trecho do capítulo “Sobre comidas e mulheres”:

A sociedade manifesta-se por meio de muitos espelhos e vários idiomas. Um dos mais importantes no caso do Brasil é, sem dúvida, o código da comida, em seus desdobramentos morais que acabam ajudando a situar também a mulher e o feminino no seu sentido talvez mais tradicional. Comidas e mulheres, assim, exprimem teoricamente a sociedade, tanto quanto a política, a economia, a família, o espaço e o tempo, em suas preocupações e, certamente, em suas contradições. (p.42)

Mas há comida e comidas. Falamos que ‘mulher oferecida não é comida’, num trocadilho chulo, mas revelador da associação, intrigante para estrangeiros, entre o ato sexual e o ato de ingerir alimentos. Entre a mulher da rua, a prostituta, ou a mulher que controla e é dona de sua capacidade de sedução e sexualidade, e certos tipos de alimento. Assim, a mulher que põe à disposição do grupo (da família) seus serviços domésticos, seus favores sexuais e sua capacidade reprodutiva torna-se a fonte de virtude que, na sociedade brasileira, se define de modo pastoral e santificado. É a virgem, a esposa e a mãe que reside nas casas e que jamais é comida ou poderá virar comida: presa fácil de homens que se definem como sexualmente vorazes. Ou melhor, tais mulheres podem ser comidas, mas primeiro são transformadas em noivas e esposas. O bolo do casamento e o banquete que segue a cerimônia podem muito bem ser vistos como um símbolo dessa ‘comida’ que será a noiva, algo elaborado e, sobretudo, socialmente aprovado pelos homens do seu grupo. O fato é que as comidas se associam à sexualidade, de tal modo que o ato sexual pode ser traduzido como um ato de ‘comer’, abarcar, englobar, ingerir ou circunscrever totalmente aquilo que é (ou foi) comido. (p.49)

Por último, a amizade. Eu gosto muito do *Entre mitos e política*, de Jean Pierre Vernant, um livro delicioso, maravilhoso de ler, em uma linguagem bastante acessível, que trabalha temas muito ricos, muito interessantes. Ele analisa, no primeiro capítulo, a relação de amizade entre os gregos. A pergunta que o move, no entanto, é ligada ao que ele viveu na resistência francesa durante a Segunda Guerra Mundial. Começa discorrendo sobre a amizade:

Toda a amizade é, de fato, particular, a cada indivíduo cabe o seu círculo pessoal de amigos, mas esse círculo forma uma comunidade que é como a imagem reduzida da cidade. Para que exista cidade, é preciso que os seus membros estejam reunidos entre si pelos laços da *philia*, de uma amizade que os torna entre si semelhantes e iguais.

Mas a pergunta fundamental que ele faz nesse texto e que eu acho tão interessante é a seguinte: “Como, numa relação de tipo igualitário, segundo aquela dimensão que permitiria os gregos definir os amigos, pode aparecer autoridade e prestígio?” (p.30).

Durante a Segunda Guerra, o sentimento de fraternidade e de igualdade era fundamental para um exército clandestino, era a força que os unia. No entanto, para que a resistência armada pudesse ocorrer, a autoridade era necessária. É imperativo, durante um conflito bélico, que alguém tome decisões rapidamente e seja obedecido. Como essas duas exigências podiam conviver lado a lado? Podemos, nesse ponto, fazer outro paralelo: não é o equacionamento dessa aparente dicotomia a condição para o ensino? Não é exigido de nós, professores, uma postura que mostre aos alunos que não somos diferentes deles, que propiciemos certa identificação sem a qual é difícil estabelecer um ambiente de aprendizado? Não deve esse tipo especial de amizade vir acompanhada do reconhecimento de alguma autoridade na figura do professor?

Uma última explicação: pelo menos dois dos livros mencionados poderiam também ser classificados como pertencentes à História, e um deles é uma carta. Quanto aos ligados à História, estão incluídos na presente seleção porque mobilizam assumida e explicitamente referências das Ciências

Sociais (além de serem bastante utilizados nesses cursos). Eu o fiz também porque, para o Ensino Médio, mais do que um conteúdo restritivo e rigidamente enquadrado em áreas exclusivas, o fundamental é entrar em contato com formas de conhecimento e seu uso competente. Quanto à carta, não tenho muitas justificativas exceto que ela pode ser usada para mostrar que as Ciências Sociais devem incluir emoções e que o ponto de vista individual não deve ser menosprezado. Como cada um vê e sente o que acontece ao seu redor é que deve ser matéria de qualquer pensamento social. Não significa, é claro, tomar uma pessoa como referência para o entendimento das transformações sociais, mas entender essas transformações a partir do que elas devem e imprimem às sensações que temos da vida. Sua presença aqui ilustra, nesse sentido, o princípio das escolhas feitas.

Para encerrar, e retomando o cerne da nossa conversa, há uma grande quantidade de textos de autores das Ciências Sociais que estão lidando com questões elementares e fundamentais da vida, questões que nos movem qualquer que seja nossa instância de atuação, nossa profissão ou grupo, sobre as quais refletimos constantemente de forma espontânea e que podem ser de grande interesse para nossos alunos. Era isso, obrigado.

Bibliografia

BAUMAN, Zigmund. *A arte da vida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiro de Castro. *Carnaval Carioca: dos bastidores ao desfile*. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 2006.

DAMATTA, Roberto. *O que faz o brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

HOBBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (orgs.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

VERNANT, Jean-Pierre. *Entre mitos e política*. São Paulo: EDUSP, 2001.